

Abrir, “impensar” e redimensionar as ciências sociais na América Latina e Caribe

É possível uma ciência social não eurocêntrica em nossa região?

Francisco López Segrera*

O OBJETIVO ESSENCIAL deste ensaio é oferecer algumas reflexões sobre as possibilidades de desenvolvimento das ciências sociais não eurocêntricas em nossa região. Para isso, resumirei o valioso legado que recebemos das ciências sociais e me referirei à crescente autoctonia das ciências sociais latino-americanas, a seu legado, a seu futuro, seus principais axiomas e aos desafios que enfrenta às vésperas do terceiro milênio.

A argumentação que desenvolverei sinteticamente abaixo parte do modelo teórico que nos oferecem as principais figuras das ciências sócias (também das ciências exatas e naturais) em nível planetário e regional. Levando em consideração essas contribuições, tratarei expressar em que consiste, em nosso entendimento, o principal legado das ciências sociais em nível mundial e regional, os desafios que enfrentamos e quais são as perspectivas. Como afirma John Maddox no *Relatório Mundial da Ciência* da UNESCO (1998), “o progresso das ciências consiste, em parte, em colocar as velhas questões de maneira mais lúcida e penetrante”. Refere-se às perguntas sugestivas que souberam colocar muito bem Wallerstein, Prigogine, Morin, um grupo representativo de cientistas sociais latino-americanos numa pesquisa de 1995 da Revista *Nueva Sociedad* (AA.VV., 1995) e trabalhos como o de Ana María e Hebe Vesuri no mencionado *Relatório Mundial da Ciência* (UNESCO, 1998; 1999). A partir das questões e análises contidas em tais textos, e de nossa base de dados e reflexões, elaboramos este trabalho.

Tão logo assumimos nossas funções de Conselheiro Regional UNESCO de ciências sociais e humanas em março de 1996, consideramos que era imprescindível –para contribuir para a superação da denominada “crise de paradigma”, e igualmente para *impensar* e “abrir” as ciências sociais na região, reinventando-as– uma releitura de textos essenciais destas disciplinas na América Latina e no Caribe.

Se o legado e o futuro das ciências sociais hoje em nível planetário podem ser expressos em três axiomas (legado) e seis desafios (futuro), esta releitura seguramente contribuirá de forma decisiva para a valorização de aspetos essenciais da herança que nos legaram as ciências sociais desta região e também para encararmos os desafios específicos que enfrentam estas disciplinas na América Latina e no Caribe. A reflexão sobre esse legado histórico é chave para criar novos paradigmas que nos permitam vislumbrar e construir um futuro alternativo.

Façamos, em primeiro lugar, algumas reflexões sintéticas acerca das ciências sociais em nível planetário, para depois nos referirmos a sua dimensão latino-americana. É necessário não só repensar as ciências sociais, mas sobretudo impensá-las. Isto é, pôr em questão o legado do século dezenove e o deste século atual nas ciências sociais, à maneira que Ilya Prigogine fez nas ciências duras com a herança da física newtoniana e da teoria da relatividade. Esta necessidade de impensá-las obedece a que muitas de suas suposições, em que pese seu caráter falaz, permanecem arraigadas firmemente em nossa mentalidade. Consideramos que impensar as ciências sociais significa reconciliar o estático e o dinâmico, o sincrônico e o diacrônico, analisando os sistemas históricos como sistemas complexos com autonomia, e limites temporais e espaciais. Se decidimos, portanto, que a unidade de análise já não é o Estado-nação, mas o sistema-mundo (ou seja, que não podemos analisar nenhum Estado-nação dissociado do sistema-mundo) devemos ademais acudir à análise transdisciplinar eliminando a tradicional distinção entre o método de análise ideográfico próprio da história e o nomotético próprio da antropologia, economia, ciência política e sociologia.

As ciências sociais não devem ser nem mera recontagem dos fatos do passado (história tradicional), nem tampouco a simples busca de regularidades com uma visão a-histórica. As ciências humanas como a psicologia e a filosofia, entre outras, também devem ser levadas em conta na hora de elaborar esta síntese.

Penso que há textos metodológicos que devemos resgatar, como *A imaginação sociológica* de C. Wright Mills, e outros que devemos relegar ao esquecimento ou reler só por mera curiosidade, como *O Sistema Social* de Talcott Parsons, bíblia de uma sociologia a-histórica que exemplifica os defeitos da “grande teoria” e sua incapacidade para explicar os sistemas complexos. Esta “grande teoria”, por um lado, e o empirismo abstrato de estudos em detalhe, por outro, são os grandes perigos que ameaçam as ciências sociais de suas origens e pelo que é necessário impensá-las e também abri-las (Wright Mills, 1964; Parsons, 1956). Abri-las significa: desconstruir as barreiras disciplinares entre o ideográfico e o nomotético; integrar as disciplinas ideográficas e nomotéticas num método transdisciplinar; promover o desenvolvimento de pesquisas conjuntas, não apenas entre historiadores de um lado e antropólogos, economistas, politólogos e sociólogos de outro, integrando equipes transdisciplinares em torno de um tema de investigação, e além do mais integrar a cientistas das ciências naturais e exatas em projetos conjuntos em que participem especialistas das ciências sociais e das ciências duras, e onde portanto o transdisciplinar não se esgote na fusão do ideográfico e do nomotético, e que além do mais também inclua as ciências duras. É isto o que nos ensinou o legado de Marx, Durkheim e Weber.

As obras de Braudel, Wallerstein, Morin, Dos Santos, González Casanova, Aníbal Quijano e Enrique Leff, entre outros, constituem a nosso juízo um esforço notável neste sentido feito das ciências sociais, e igualmente a de Prigogine a partir do terreno das ciências duras. Em resumo, para que as ciências sociais tenham verdadeira relevância hoje, é imprescindível a reunificação epistemológica do mundo do conhecimento, sem que isto implique a morte imediata de disciplinas com uma longa tradição. Advogamos pela integração na análise dos fenômenos sociais do ideográfico e do nomotético, e inclusive desta visão com as ciências duras, o que não quer dizer que neguemos o valioso legado das disciplinas autônomas, mas sim sua menor relevância em análises desintegradas dos conhecimentos que podem oferecer-nos o conjunto delas.

Antes de nos referirmos à especificidade das ciências sociais da América Latina e do Caribe diante desta problemática, enunciemos os principais axiomas que constituem o essencial do legado das ciências sociais; e igualmente os desafios que enfrentam as ciências sociais em nível mundial.

Axioma 1. Existem grupos sociais que têm estruturas explicáveis e racionais (Durkheim).

Axioma 2. Todos os grupos sociais contêm subgrupos distribuídos hierarquicamente e em conflito uns com os outros (Marx).

Axioma 3. Os grupos e/ou Estados mantêm sua hegemonia e contêm os conflitos potenciais, devido a que os subgrupos de menor hierarquia concedem legitimidade à autoridade que exercem os situados na parte superior da hierarquia, na medida em que isto permite a sobrevivência imediata e a longo prazo (Weber).

Estes axiomas constituem a herança essencial da cultura sociológica ocidental, da qual somos na região tributários em mais de um sentido, sem que isto negue nossa especificidade. É um mérito de Anthony Giddens ter sido um dos primeiros a discutir a obra de conjunto de Marx, Durkheim e Weber como três autores.

Poder-se-ia objetar que há muitos outros autores que também legaram axiomas de relevância como, por exemplo, Malthus (ensaio sobre a população), Tönnies (comunidade e sociedade), Sorokin (diferenciação das sociedades em grupos multivariados), Veblen (o ócio ostensivo), Mannheim (sociologia do conhecimento, ideologia e utopia), Wright Mills (a elite do poder), Adorno (a personalidade autoritária), Marcuse (a origem da civilização repressiva), Lukács (as raízes sociológicas do assalto à razão, sociologia da cultura), Habermas (sua teoria da ação comunicativa), sem esquecer as contribuições dos fundadores (Comte e Spencer) e a lúcida obra atual de Wallerstein, Giddens, Morin, Dos Santos, Gorostiaga, González Casanova e Quijano, entre outros. Mas o que argumentou Wallerstein ao resumir a “cultura sociológica”, é que ela poderia ser sintetizada em três axiomas ou proposições-chave: a realidade dos fatos sociais (Durkheim), o caráter perene e permanente do conflito social (Marx), e a existência de mecanismos de legitimação que regulam e contêm os conflitos (Weber).

Vejam agora os desafios:

1. Seria verdade que existe uma racionalidade formal? (Freud).
2. Existe um desafio civilizatório de envergadura à visão moderna/ocidental do mundo que devamos

considerar seriamente? (Anouar Abdel-Malek).

3. Acaso a realidade de tempos sociais múltiplos requer que reestruturemos nossas teorias e metodologias? (Braudel).

4. Em que sentido os estudos sobre complexidade e o fim das certezas nos forçam a reinventar o método científico? (Prigogine).

5. Podemos demonstrar que o feminismo, que o conceito de gênero, é uma variável de presença ubíqua, mesmo em zonas aparentemente remotas como a conceitualização matemática? (Evelyn Fox Keller, Donna J. Haraway e Vandana Shiva).

6. Seria a modernidade uma decepção que desiludiu os cientistas sociais antes que ninguém? (Bruno Latour).

A partir destes axiomas e desafios, Immanuel Wallerstein (1998d) propõe-nos as seguintes perspectivas no século XXI para as ciências sociais: a) a reunificação epistemológica das denominadas duas culturas, isto é, a das ciências e a das humanidades; b) a reunificação organizacional das ciências sociais; e c) a assunção pelas ciências sociais de um papel de centralidade (que não implica hegemonismos) no mundo do conhecimento.

A obra de Immanuel Wallerstein –do mesmo modo que a de Prigogine (1996) no terreno da física e da química, e a de Edgar Morin (1993; 1996) no que diz respeito ao pensamento complexo– encontra-se na vanguarda da reflexão prospectiva sobre as ciências sociais e constitui de forma mais ou menos explícita uma crítica ao eurocentrismo e uma superação de seus paradigmas. Os principais marcos metodológicos desta reflexão são: *Impensar las ciencias sociales* (1998b); *Abrir las ciencias sociales* (1996a); “Social change? Change is eternal. Nothing ever changes” (1996b); *Cartas al Presidente (1994-1998)* (1998a); “Possible Rationality: A Reply to Archer” (1998c); e, em especial, seu discurso como Presidente de ISA no XIV Congresso Mundial de Sociologia (1998d).

Anthony Giddens (1998: 124), por sua vez, ao expressar os objetivos essenciais de seu trabalho de pesquisa como sociólogo, formulou uma agenda relevante: reinterpretar o pensamento social clássico, analisar a natureza da modernidade, e estabelecer um novo enfoque metodológico nas ciências sociais. Estes três temas interconectados constituem a agenda de trabalho do mencionado autor.

Na Conferência Européia de Ciências Sociais (1992), o Diretor Geral da UNESCO, Federico Mayor, formulou um conjunto de orientações de especial relevância para o trabalho de pesquisa em ciências sociais que têm hoje plena atualidade, e que coincidem, em grande medida, com o que foi colocado por Wallerstein e Giddens:

1. Promover os enfoques interdisciplinares e os estudos comparados.

2. Estes enfoques devem apoiar-se em bases de dados quantitativas (estatísticas) e qualitativas de excelente qualidade. Para as ciências naturais a natureza e a vida são as fontes de suas bases de dados, que se analisam em condições de laboratório uma vez selecionadas. Para as ciências sociais os dados se tomam essencialmente de séries estatísticas, por isso devemos assegurar-nos do caráter fidedigno de nossas fontes e trabalhar, sempre que seja possível, com fontes primárias.

3. É necessário levar a cabo transformações institucionais e organizativas que permitam o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar.

E concluía Federico Mayor dizendo que “nenhum outro campo do conhecimento poderia contribuir tão decisivamente para construir uma ponte entre a reflexão e a visão dos assuntos humanos, por um lado, e a formulação de políticas e a colocação em marcha de ações para melhorar a qualidade de vida dos seres humanos, por outro”¹.

A importância da transdisciplinariedade foi também destacada por Federico Mayor em outro texto em que afirma: “Há quarenta anos o romancista C. P. Snow declarou que vivemos num mundo de duas culturas. Uma delas, a cultura artística, tem um amplo espaço nos jornais, no rádio, na televisão, enquanto a outra, a cultura científica, deve contentar-se com um espaço extremadamente limitado. Por que essa diferença?” (Mayor e Forti, 1995: 161).

Em 1998, na Segunda Conferência Européia de Ciências Sociais, o Diretor Geral da UNESCO afirmou: “Há meio século, os fundadores da UNESCO recomendaram que as ciências sociais ocupassem uma posição importante no monitoramento da integração social da humanidade. A década passada foi um período

importante do balanço no que se refere a nossas tradições herdadas do conhecimento social”. E mais adiante afirmava: “Dentro da UNESCO se prepararam novos terrenos para a transdisciplinariedade, especialmente para melhorar a cooperação entre as ciências naturais e sociais, durante a 28 sessão da Conferência Geral em 1995” (Mayor, 1998).

São inquestionáveis as contribuições positivas das ciências (maior esperança de vida, aumento da produção agrícola, as possibilidades que para o conhecimento criam as novas tecnologias de informação e comunicação), mas também é certa a brecha crescente entre países industrializados e os eufemisticamente chamados em vias de desenvolvimento, e o fato de que a exploração inadequada dos logros científicos implicou a degradação do meio ambiente e dado lugar o desequilíbrio social e a exclusão. Para que se possa instaurar uma paz durável, acorde com o espírito com o qual A Assembléia Geral das Nações Unidas proclamou o Ano 2000 “Ano Internacional da Cultura da Paz”, é necessário solucionar estas contradições.

É indispensável intensificar os esforços interdisciplinares associando os especialistas das ciências exatas e naturais aos das ciências sociais, pois estas são chaves para suprimir as causas profundas dos conflitos: desigualdades sociais, pobreza, ausência de justiça e democracia, travas à educação para todos, inadequados serviços de saúde, penúria alimentar, degradação do meio ambiente e outras. A pesquisa científica no setor privado não pode substituir a pesquisa pública, o que implica que o setor público outorgue um financiamento adequado, em especial àquelas pesquisas cujos resultados sejam de especial utilidade para a sociedade, o que não implica minimizar o importante papel da pesquisa fundamental (UNESCO, 1999; López Segre, 1998a).

Apesar de que estes textos nos oferecem, entre outros, uma valiosa bússola, a especificidade de nossas ciências sociais tem seus próprios axiomas, desafios e perspectivas. É precisamente essa singularidade a que revela uma releitura de seus principais textos. Vejamos, brevemente, em que consiste esse legado em nossa região –assim como o papel da UNESCO em fortalecê-lo e contribuir para recriá-lo– para depois propor-nos uma possível Agenda de Trabalho e referir-nos a nossos axiomas, desafios e perspectivas específicas, enxertando no tronco de nossas reflexões autóctones o melhor das ciências sociais em nível planetário.

Concentrarei minhas reflexões em sintéticos vislumbres acerca da missão da UNESCO no processo de desenvolvimento das ciências sociais na região e, em especial, em como contribuir para seu redimensionamento futuro. Não posso deixar de mencionar o papel-chave da UNESCO na fundação e desenvolvimento da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO) e sua permanente interação com sua Secretaria Geral e seus capítulos nacionais; e igualmente a duradoura e crescente colaboração com o Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), com sua Secretaria Executiva e com seus Grupos de Trabalho. Em torno da FLACSO e do CLACSO –que sempre tiveram o apoio da UNESCO– se agrupou tradicionalmente o melhor das ciências sociais da região.

Em síntese, posso dizer que são redes como a FLACSO a o CLACSO –e outras muitas que de forma mais ou menos direta estão associadas ao desenvolvimento das ciências sociais nesta área: ALAS, SELA, CLAD, FIUC, PROGRAMA BOLÍVAR– e os cientistas sociais agrupados nelas em torno de universidades e/ou grupos de trabalho, os que produziram o extraordinário desenvolvimento das ciências sociais latino-americanas –visualizadas por outros países do sul como paradigma– e os que garantem seu futuro, sem que sua identidade se dissolva em paradigmas importados. As ciências sociais latino-americanas alcançaram sua plena identidade nos anos cinquenta, no momento em que surgiu a FLACSO, e é um mérito desta rede –e da UNESCO– haver contribuído para criação de paradigmas autóctones nas ciências sociais da América Latina e do Caribe, tarefa que promove o CLACSO. Digamo-lo de uma vez, poderá haver crises de paradigmas com relação à era da CEPAL ou da Escola da Dependência, mas não há crises de identidade. É clara, não obstante, desde os anos oitenta, a tendência à reversão das valiosas tentativas de repensar o continente de si mesmo. Esta tendência, à qual nos referiremos mais adiante, está associada aos paradigmas próprios do neoliberalismo e do pós-modernismo.

Vejamos agora, brevemente, os distintos paradigmas das ciências sociais na região desde fins da Segunda Guerra Mundial até a atualidade².

No final dos anos cinquenta o futuro da América Latina era visualizado através dos paradigmas estrutural-funcionalista, do marxismo tradicional (e mais tarde da nova versão que emergiu como resultado da revolução cubana) e do pensamento desenvolvimentista da CEPAL. Se a falha do funcionalismo foi considerar que se poderia reproduzir na periferia o esquema clássico de desenvolvimento capitalista do centro –tese validada pelo marxismo tradicional, que visualizava a América Latina como uma sociedade feudal– e a da CEPAL pensar que só com a substituição de importações e um Estado e um setor público

fortes se obteria o desenvolvimento; a Escola da Dependência, em sua crítica ao denominado capitalismo dependente latino-americano, não foi capaz de oferecer uma reflexão com resultados viáveis acerca de como construir um modelo alternativo de sociedade.

O desenvolvimentismo cepalino de Raúl Prebisch foi considerado pelos teóricos da dependência como um paradigma que, apesar de que colocava a necessidade de reformas estruturais modernizantes, na práxis era incapaz de superar o reformismo. A crítica neoliberal do desenvolvimentismo centrou-se no excessivo intervencionismo estatal, no estrangulamento da iniciativa privada e na destinação irracional de recursos.

O defeito essencial da Teoria da Dependência foi não haver percebido que nenhum sistema pode ser independente do sistema-histórico atual, da economia mundial. Esta realidade interdependente não implica, contudo, validar o neoliberalismo e a suas políticas de ajuste estrutural –que tendem a privilegiar a função do mercado em detrimento da sociedade civil e do Estado– como única receita válida, e muito menos como fim da história. Sobretudo quando hoje sabemos, após mais de uma década perdida no econômico, que o ajuste estrutural causou na região uma profunda deterioramento das condições sociais e uma concentração cada vez maior da riqueza, junto com o crescimento da pobreza e da exclusão social. Se hoje falamos de Desenvolvimento Humano Sustentável (conceito enunciado pelo *Brundtland Report* em 1987), é porque o outro *desenvolvimento*, na realidade tem sido um crescimento econômico perverso e desequilibrado que atenta contra o homem e seu habitat (Cardoso, 1995; Dos Santos, 1996; 1998).

As duas influências teóricas que predominam nas ciências sociais latino-americanas hoje –o neoliberalismo e o pós-modernismo– entranham certos perigos. O primeiro tende à reafirmação dogmática das concepções lineares de progresso universal e do imaginário do desenvolvimento e a segunda à apoteose do eurocentrismo. O fato de que os metarrelatos em voga no século XX tenham entrado em crise não quer dizer que haja uma crise generalizada de todas as formas de pensar o futuro e muito menos deste (Lander, 1998).

Como axiomas e/ou contribuições chave das ciências sociais latino-americanas e caribenhas na segunda metade deste século podemos mencionar, entre outros, os seguintes:

1. O axioma do capitalismo colonial de Sergio Bagú: “O regime econômico luso-hispânico do período colonial não é feudalismo. É capitalismo colonial [...] que apresenta reiteradamente nos distintos continentes certas manifestações externas que o assemelham ao feudalismo. É um regime que conserva um perfil ambíguo, sem alterar por isso sua inquestionável índole capitalista. Longe de reviver o ciclo feudal, a América ingressou com surpreendente celeridade dentro do capitalismo comercial, já inaugurado na Europa [...] e contribuiu para dar a esse ciclo um vigor colossal, tornando possível o surgimento do capitalismo industrial anos mais tarde” (Bagú, 1993: 253).
2. O axioma “centro-periferia” de Raúl Prebisch: “em outras palavras, enquanto os centros retiveram integralmente o fruto do progresso técnico de sua indústria, os países da periferia lhes entregaram uma parte do fruto de seu próprio progresso técnico” (Prebisch, 1994: 238).
3. O axioma “subimperialismo” de Ruy Mauro Marini: “Passou o tempo do modelo simples centro-periferia, caracterizado pelo intercâmbio de manufaturas por alimentos e matérias-primas [...] O resultado foi um reescalamento, uma hierarquização dos países de forma piramidal e, por conseguinte, o surgimento de centros medianos de acumulação, que são também potências capitalistas médias –o que nos levou a falar do surgimento de um subimperialismo”. Este conceito resulta equivalente ao de semiperiferia de Wallerstein, pois se refere ao papel desempenhado por países como o Brasil e os tigres asiáticos na nova divisão internacional do trabalho (Marini, 1977: 21).
4. O axioma “dependência” de Theotônio Dos Santos: a dependência é “uma situação na qual a economia de um certo grupo de países está condicionada pelo desenvolvimento e pela expansão de outra economia, a qual sua própria economia está atada; uma situação histórica que configura a estrutura da economia mundial de tal maneira que determinados países acabam sendo favorecidos em detrimento de outros, e que determina as possibilidades de desenvolvimento das economias internas” (Dos Santos, 1969: 184).

Os autores citados são especialmente emblemáticos, e expressam amplos movimentos de reflexão na região, dos quais são tributários. Estes axiomas têm especial relevância, a nosso ver, para a compreensão do papel da América Latina e do Caribe no atual sistema-mundo capitalista.

Outras contribuições relevantes das ciências sociais em nossa América, entre outras tantas, que poderíamos mencionar são:

- a) Os estudos tipológicos de Darcy Ribeiro sobre os povos e o processo civilizatório.
- b) A sociologia da fome de Josué de Castro.
- c) A metodologia Pesquisa-Ação Participativa de Orlando Fals Borda.
- d) Os conceitos de colonialidade do poder e reoriginalização cultural de Aníbal Quijano.
- e) A pedagogia do oprimido de Paulo Freire.
- f) As visões críticas da globalização de Octavio Ianni, Celso Furtado, Héctor Silva Michelena e Armando Córdova, entre outros autores.
- g) A crítica à visão fundamentalista da integração globalizada de Aldo Ferrer.
- h) Os vislumbres sobre a Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez, bem como de Leonardo e Clodovil Boff.
- i) A teoria da marginalidade de Gino Germani, enriquecida de um ângulo diverso por contribuições a de José Nun.
- j) A visão da dependência em Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, denominado “enfoque da dependência” para diferenciá-lo da “teoria da dependência” de Marini, Dos Santos, Bamberger e Gunder Frank.
- k) As valiosas contribuições de Pablo González Casanova sobre o México marginal, e sua crítica à “novo ordem mundial”, sua visão de uma democracia não excludente, sua preocupação por reconceitualizar nossas ciências sociais.
- l) A valiosa reflexão em torno da sociologia latino-americana de autores como Heinz Sonntag e Roberto Briceño.
- m) A lúcida crítica de Edgardo Lander ao eurocentrismo e o colonialismo no pensamento latino-americano.
- n) A tese da colonialidade do poder de Aníbal Quijano.
- o) A crítica não-eurocêntrica do eurocentrismo de Enrique Dussel, que traz implícita uma valiosa crítica à construção da modernidade no pensamento pós-moderno.
- p) O conceito de *border thinking* de Walter Dignolo.
- q) A análise cultural da biodiversidade (sob o capitalismo e sob a autonomia cultural) de Arturo Escobar.
- r) A visão de Enrique Leff sobre as disjuntivas do desenvolvimento sustentável.
- s) A crítica ao neoliberalismo latino-americano de Atilio Boron.
- t) A tese de uma civilização geocultural alternativa emergente de Xabier Gorostiaga.
- u) As teses sobre transição, democracia, cidadania e Estado de Carlos Vilas, Emir Sader, Francisco Delich, Manuel Antonio Garretón, Norbert Lechner e Guillermo O'Donnell, entre outros.
- v) A tese das culturas híbridas de Nestor García Canclini.
- w) Os estudos da economia da coca de Hermes Tovar Pinzón.
- x) A sociologia do Caribe de Gerard Pierre Charles e Suzy Castor.
- y) As contribuições teóricas sobre a economia de plantações do Caribe de Ramiro Guerra, Eric Williams, Manuel Moreno Fraginals e Juan Pérez de la Riva.
- z) A sociologia centro-americana de Edelberto Torres Rivas.

Última, mas não menos importante, é a obra de próceres cujas reflexões têm um caráter fundacional: Simão Bolívar, José Martí e José Carlos Mariátegui.

Este incompleto inventário dá notícia indiscutível da legitimidade e da autoctonia das ciências sociais latino-americanas, em que pese à ameaça persistente e renovada dos afãs de dissolvê-la em paradigmas eurocêntricos.

Como desafios específicos que enfrentam as ciências sociais na região hoje podemos enumerar, entre

outros, os seguintes:

1. É possível a integração cultural? Ou acaso todo o discurso em torno da multiculturalidade, da pluralidade cultural e dos problemas de homogeneização e heterogeneidade não ultrapassarão o ambiente retórico-acadêmico?
2. É possível recriar um novo Estado distinto do caudilhista, populista, cepalino ou neoliberal, em que a exclusão social seja eliminada sem retornar ao autoritarismo e dando uma dimensão não apenas política, mas também social à democracia? Ou seria que o Estado neoliberal, que legitima e viabiliza o modelo de capitalismo dependente com rosto de democracia, é viável no longo prazo?
3. É possível aos Estados latino-americanos obter maiores margens de independência e autonomia pela via da integração do subcontinente pese aos crescentes processos de globalização e transnacionalização?
4. É possível diminuir a brecha entre “infopobres” e “inforicos” na região democratizando o uso das novas tecnologias de informação e comunicação? Ou só servirão estas para aumentar a pobreza, a desigualdade e a exclusão social?
5. É possível a educação para todos, o desenvolvimento sustentável, o novo caráter das cidades, uma nova ética e a construção de uma cultura de paz? Ou seria uma utopia inalcançável construir nações democráticas, multiculturais e multi-raciais com níveis mínimos de desigualdade?

O futuro das ciências sociais na região dependerá, em grande medida, das políticas e ações que se adotem com relação a estes desafios.

Os problemas chave que preocupam a Wallerstein sobre as ciências sociais em nível mundial, paradoxalmente, apesar de nosso “atraso” com relação ao padrão ocidental de desenvolvimento, não têm entre nós a mesma dimensão. Afortunadamente não tivemos um Talcott Parsons, ainda que tenhamos tido alguns epígonos já esquecidos. Podemos afirmar que o processo de impensar as ciências sociais teve início na Nossa América (a do Rio Bravo à Patagônia) nos anos cinquenta com a CEPAL e que, pese à “crise de paradigmas” dos anos oitentas, não se deteve. Temos não só axiomas básicos, mas uma série de conceitos, como apontou Pablo González Casanova ao falar das ciências sociais na região. Por outro lado, apesar da perspectiva eurocentrista/anglo-saxã com que se elaboraram os planos de estudo das carreiras de ciências sociais na região, os melhores textos destas disciplinas tendem a integrar o ideográfico e o nomotético na análise. Isto se deve, por um lado, a que a herança espanhola, apesar de que nos legou o que em alguns casos é retórica vazia, também nos ofereceu uma rica herança ensaística que funde o ideográfico e o nomotético; e, por outro, a que a superespecialização não tem sido uma atitude cultural entre nós por diversas razões. Por estas causas, entre outras, a exortação para impensar e abrir as ciências sociais já possui um longo trecho percorrido entre nós, sem que por isso nos possamos dar o luxo arrogante da autocomplacência que destrói a criatividade. É por todos conhecida a influência das ciências sociais de nossa região, não apenas nos países do sul, mas também em alguns dos principais cientistas sociais dos países desenvolvidos do Ocidente e de outras latitudes.

Com relação às perspectivas das ciências sociais na América Latina e no Caribe, deve-se reiterar que muito avançamos na reunificação epistemológica das duas culturas, a das ciências e a das humanidades. Isto não quer dizer que possamos eliminar da agenda totalmente a necessidade de impensar e abrir as ciências sociais em nossa região. Mas a questão é, sobretudo na Nossa América, a de avançar na reunificação organizativa das ciências sociais e que estas reassumam seu papel de centralidade no mundo do conhecimento, debilitado nos anos oitenta e na primeira metade da década de noventa em consequência da “crise de paradigmas”. Para isto é fundamental pensar a região a partir de si mesma, sem perigosos provincianismos; o melhor antídoto contra isto é o imprescindível domínio, ou ao menos a leitura, de três ou quatro idiomas chave além do espanhol e um estado de arte renovado permanentemente em novas tecnologias da comunicação e da informação –e sem assimilar de forma acrítica agendas e paradigmas de outras latitudes.

É importante estabelecer um conjunto de prioridades compartilhadas por todos, que dêem resposta às urgências da Nossa América, de sua sociedade civil e de suas classes políticas, para coordenadamente estabelecer uma nova agenda das pesquisas em ciências sociais em nossa região. Se não somos capazes unidos de formular essa agenda, as ciências sociais da região perderão uma identidade conquistada a sangue e fogo, e presenciaremos não uma “crise de paradigmas”, mas a recolonização de nossas ciências sociais por paradigmas e agendas fixadas em função dos interesses

do Norte desenvolvido.

Antes de fazer algumas sugestões com relação a tal Agenda, referir-me-ei brevemente a certos aspectos de nosso trabalho como Conselheiro Regional de Ciências Sociais.

Nossa ação como Conselheiro Regional de Ciências Sociais para a América Latina e o Caribe no biênio 1996/97 e 98/99 se orientou pelo Plano a Prazo Médio (C4) e pelo acordo entre os estados membros da UNESCO em suas Conferências Gerais de 1995 e 1997 (C5). Em especial trata-se de adequar à região as metas prioritárias para a ação da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Social (Copenhague, março de 1995): fomento da capacidade endógena; desenvolvimento das zonas rurais; acompanhamento do Programa 21, para alcançar um desenvolvimento humano sustentável utilizando racionalmente os recursos e preservando o meio-ambiente; ampliar as possibilidades de acesso à informação e à comunicação; e melhorar a capacidade endógena para formular políticas sociais, para prever, gerir e avaliar as transformações sociais. Em resumo, nossa ação priorizou e prioriza:

1. A luta contra a pobreza conforme a Declaração do Diretor Geral da UNESCO de 15 de janeiro de 1996.
2. A preservação da governabilidade, a democracia, os direitos humanos, e a tolerância, por meio da reforma do Estado e da gestão pública. Este objetivo, a construção de uma cultura de paz e da justiça para a paz, orienta nossa ação para com o Estado e a sociedade civil, em especial apoiando redes como o Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) e a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO). Também nossos vínculos com a Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS), com a Secretaria Permanente do Sistema Econômico Latino-americano (SELA), o Centro Latino-americano da Administração para o Desenvolvimento (CLAD) e o Programa Bolívar para o desenvolvimento das Pequenas e Médias Empresas, revestem-se de especial importância; e igualmente com o Projeto UNESCO denominado DEMOS, que fez importantes contribuições ao estudo da governabilidade na região. De especial importância são nossos vínculos com redes universitárias como a UDUAL, a AIU, a OUI e a FIUC, entre outras. Viemos executando e/ou preparando projetos com estas redes, e igualmente com: o Conselho Internacional de Ciências Sociais da UNESCO (agenda para o milênio); CLACSO (seminários e reflexões para integrar as políticas econômicas e sociais); FLACSO (anúário de ciências sociais, prêmio para jovens pesquisadores em ciências sociais, erradicação da pobreza, antologia de ciências sociais); SELA, CLAD, CEPAL (políticas econômicas e sociais, reforma do estado, gestão pública, acompanhamento da Cúpula de Desenvolvimento Social); e com outras muitas redes e instituições de caráter regional ou inter-regional.
3. Desenvolver o ensino das ciências sociais –em especial dos estudos prospectivos– através das Cátedras UNESCO e de outras formas diversas. Promover a difusão e a utilização das novas tecnologias, da telemática, da Internet e das redes novas e tradicionais. Esta tarefa difusora tem como objetivo a transferência e o compartilhamento do conhecimento em ciências sociais e seu sistemático *aggiornamento*.
4. A Unidade Regional de Ciências Sociais, no conceito de uma Oficina Regional integrada como é cada vez mais a UNESCO-Caracas, tem também uma importante participação na rede UNITWIN de Cátedras UNESCO na região e em atividades próprias da educação superior.
5. A UNESCO, cada vez mais, constrói passarelas da teoria para a ação. Com esse objetivo pôs em marcha em 1994 um Programa Internacional em Ciências Sociais intitulado “Gestão das transformações sociais” (MOST). Neste Programa identificaram-se inicialmente três áreas prioritárias de pesquisa –confirmadas na Primeira Conferência Regional em Buenos Aires em março de 1995– que são:

- O multiculturalismo e a multietnicidade na América Latina e no Caribe.
- As cidades como cenário da transformação social.
- As transformações econômicas, tecnológicas e do meio ambiente em nível local e regional.

Contudo, antes do MOST e durante o desenvolvimento deste programa, a UNESCO tinha respondido e continua dando resposta ao pedido dos estados membros para assistência em atividades de ciências sociais. Eis aqui alguns exemplos:

- Negociações de paz em El Salvador.
- Educação para a democracia na Colômbia.

- Planejamento social na Colômbia, Bolívia, Equador, Venezuela, tentando responder a perguntas como as seguintes: que espécie de políticas podem proporcionar as mudanças sociais desejadas? Como podem ser avaliadas estas políticas?

Com relação à proposta de uma nova agenda para o desenvolvimento das ciências sociais na região, devo assinalar que em abril de 1997, a Unidade de Ciências Sociais sob minha direção coletou critérios da FLACSO, do CLACSO e de diversos especialistas –que em outros trabalhos expus “in extenso”– sobre os seguintes temas: produção de conhecimento e de ensino de ciências sociais; ciências sociais e políticas de desenvolvimento social; por uma cultura de paz; e cooperação para o desenvolvimento social.

Se tivesse que resumir a Agenda das ciências sociais na região, eu o faria com três propostas essenciais que pudessem contribuir para “impensar” e “abrir” ainda mais nossas ciências sociais na região e, sobretudo, para atingir uma nova síntese teórico-metodológica:

1. Organizar debates entre os cientistas sociais ideográficos (historiadores) e nomotéticos de nossa região, de que também participem representantes latino-americanos e caribenhos das ciências exatas e igualmente figuras de primeiro nível de outras latitudes.
2. Fomentar a transdisciplinariedade mediante projetos de pesquisa em torno de problemas de suma importância atual.
3. Revalorizar as grandes teorias explicativas evitando a ultra-especialização.

Outra proposta que gostaria de fazer, neste caso referida à UNESCO de forma mais específica, é a seguinte: que os fundos que destina a UNESCO para as ciências exatas e naturais e ciências humanas e sociais por conta do programa ordinário e do programa de participação se outorguem e direcionem de maneira prioritária para aqueles projetos de índole transdisciplinar apresentados pelos estados membros da Organização.

Gostaria de trazer a título de exemplo o Projeto já mencionado mais acima “Agenda do Milênio”, desenvolvido conjuntamente pela UNESCO, pelo Conselho Internacional de Ciências Sociais da UNESCO (ISSC), e o Conjunto Universitário Cândido Mendes (EDUCAM). Nas palavras inaugurais do Seminário, que teve como resultado o livro *Représentation et complexité*, Jerome Bindé, Diretor da Divisão de Análise e Prospectiva da UNESCO e eminente futurólogo afirmou: “Como abrir esta reunião sem saudar alguns dos melhores pesquisadores e especialistas que nos mostram sua amizade participando deste encontro: os professores Edgar Morin (sociólogo da contemporaneidade e iniciador do pensamento complexo), Ilya Prigogine (Prêmio Nobel de Química), Mihajlo Mesarovic (futurólogo), Arjun Appadurai (antropólogo), Helena Knyzeva (física), Zaki Laidi (político), Michel Maffesoli (sociólogo), Cristoph Wolf (antropólogo), Chih-Ming Shih (arquiteto), Francisco López Segrera (historiador), Helio Jaguaribe (economista), Eduardo Portella (filósofo, ensaísta), e todos aqueles que não posso citar esta manhã mas que estão presentes em meu pensamento”. Este grupo transdisciplinar, integrado por pesquisadores de distintas especialidades e nacionalidades, constitui uma mostra interessante de reflexão conjunta em torno de um tema atual – Representação e Complexidade– de distintos ângulos e com uma perspectiva não eurocêntrica (Mendes e Rodríguez Larreta, 1997).

Outro exemplo notável constitui a coleção *El Mundo Actual: Situación y Alternativas* –idealizada e conduzida por Pablo González Casanova em sua qualidade de Diretor do Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades– que difunde estudos sobre a globalidade e as características que nela mostram os países e regiões do mundo. A coleção publicou análises de caráter transdisciplinar e prospectivo sobre a sociedade, a economia, a política e a cultura, dando especial importância à perspectiva do Sul do mundo e formulando alternativas que pudessem ser aplicadas para superar, entre outros, os problemas de desigualdade, pobreza, marginalização e exclusão, e igualmente fornecer instrumentos para a construção da paz e da democracia. Entre os pesquisadores com trabalhos publicados nesta coleção se encontram: Immanuel Wallerstein, Samir Amin, Lin Chun, George Aseneiro, Ralph Miliband, Xabier Gorostiaga, Arturo Escobar, François Houtart e Francisco López Segrera, entre outros autores (ver González Casanova, 1995; 1998).

Gostaríamos, igualmente, de mencionar como outra mostra de esforço transdisciplinar o livro *Los retos de la globalización*, publicado em 1998 pela Unidade Regional da UNESCO de Ciências Sociais da América Latina e do Caribe (López Segrera, 1998c). Essa obra reúne um conjunto de autores que analisa o impacto da globalização nos países do Sul de ângulos tais como: os novos paradigmas das ciências sociais; paz, democracia e “nova ordem mundial”; dependência e desenvolvimento; e cultura e conhecimento num mundo virtual. Entre os autores que forneceram contribuições originais a esse livro se encontram: sociólogos (Dos

Santos, Marini); filósofos (Enrique Dussel); economistas (Samir Amin, Gunder Frank); politólogos (James Petras, Mario Teló, Jorge Nieto, Anaisabel Prera); historiadores (Wallerstein); internacionalistas (Celso Amorin); e especialistas em estudos globais e culturais (Bohadana, Dreifuss, Jesús García-Ruiz, Angel G. Quintero), entre outros tantos pesquisadores valiosos.

Há diversos exemplos na UNESCO de esforço transdisciplinar além dos apontados. Os distintos relatórios mundiais tendem, cada vez mais, a uma ótica transdisciplinar e igualmente ocorre, entre outros, com os livros do Diretor Geral –*La Nueva Página* (Mayor, 1994), *Ciencia y Poder* (Mayor e Forti, 1995)– e de Albert Sasson, cujo livro *Biotechnology in Perspective* (1998: vii), teve como objetivo “disseminar as reflexiones sobre as implicações econômicas, sociais e culturais das inovações biotecnológicas para os países em desenvolvimento”.

O papel essencial dos cientistas sociais consiste em iluminar aqueles que tomam as decisões com relação às opções possíveis diante das alternativas históricas. Quando um sistema histórico vive sua etapa de desenvolvimento normal, as opções e alternativas para os atores sociais é bastante limitado. No entanto, quando um sistema histórico se encontra em fase de desintegração, o número de opções possíveis se amplia e as possibilidades de mudança são infinitamente maiores. Estou de acordo com Immanuel Wallerstein: estamos num momento de desintegração de um sistema histórico, que durará de 20 a 50 anos. Se isto ocorre num nível planetário, ainda mais drástico será este processo na Nossa América, onde as desigualdades do sistema nunca foram absorvidas pelo Estado de Bem-estar social. O estado secular de mal-estar em nossa região oferece-nos uma oportunidade histórica única no fim deste milênio, para formular com clareza cenários e alternativas que permitam construir um futuro alternativo sem destruição ecológica, sem abismais desigualdades sociais, e que ponha fim às guerras como via de solução dos conflitos mediante uma cultura de paz. Nesse novo sistema histórico desaparecerão brechas tais como: passado/presente, o que separou a história (ideográfica) de disciplinas nomotéticas como a economia, a ciência política, e a sociologia; civilizados/outros, antinomia que tem sido o fundamento da visão eurocentrista; e mercado/estado/sociedade civil. Na realidade estes limites estão hoje numa crise terminal. As disciplinas tradicionais das ciências sociais estão deixando de representar campos de estudo restritos. A complexidade atual só pode apreender-se mediante a transdisciplinariedade. No ponto de saturação alcançado por este sistema histórico, somente novas alternativas poderão desbloquear um modelo de acumulação e de sociedade esgotado. Cabe a nós imaginá-las e começar a executá-las.

Prigogine, em *La fin des certitudes* (1996: 224), revela-nos o novo recurso e discurso do método na forma de resumo: “O que hoje emerge é, portanto, uma descrição média, situada entre duas representações alienantes, a de um mundo determinista e aquela de um mundo arbitrário submetido unicamente ao acaso. As leis físicas correspondem a uma nova forma de inteligibilidade que expressam representações probabilísticas irreduzíveis. Elas estão associadas à instabilidade e, seja no nível microscópico ou macroscópico, elas descrevem os acontecimentos possíveis, sem reduzi-los a conseqüências dedutíveis e previsíveis próprias das leis deterministas”.

O que existe, portanto, não é o desenvolvimento de uma idéia universal rumo ao futuro, que se identifica com o progresso, o que existe realmente são bifurcações que permitem construir vários futuros, quer dizer, os “futuríveis” ou futuros possíveis.

A flecha do tempo –afirma Wallerstein– é inevitável e imprevisível, sempre temos diante de nós bifurcações cujo resultado é indeterminado. Mais ainda, apesar de haver uma única flecha do tempo, existem múltiplos tempos. Não podemos permitir-nos ignorar nem a longa duração estrutural nem tampouco os ciclos do sistema histórico que estamos analisando. O tempo é muito mais que cronometria e cronologia. O tempo é também duração, ciclos e disjunção.

O fim das certezas de que nos fala Prigogine, significa que o que realmente existe são certezas parciais que não prevalecem eternamente. Devemos formular nossas previsões e hipóteses tendo em mente esta permanente incerteza.

Os cientistas sociais têm sido vistos tradicionalmente como parentes pobres pelas ciências exatas e pelas humanidades. Na América Latina isto piorou ainda mais durante o auge neoliberal, em que todo conhecimento que não tenha uso prático imediato fica desvalorizado. Isto não deve levar-nos a ser indulgentes com nós mesmos, e sim a reconhecer que muita retórica vazia se esconde atrás de supostas grandes teorias explicativas. Entretanto, a situação está mudando rapidamente em nível mundial e regional. Os estudos sobre a complexidade nas ciências físicas, de um lado, colocaram em questão a suposta exatidão das ciências duras e, de outro, consideraram os sistemas sociais como os mais complexos de todos os sistemas. O auge dos estudos culturais em humanidades enfatizou as raízes sociais do cultural. O resultado, portanto, dos estudos

sobre a complexidade e os estudos culturais foi aproximar as ciências naturais e as humanidades do terreno das ciências sociais.

O conhecimento, diante das incertezas, implica tomar decisões, decidir-se por opções diversas e agir. O conhecimento, unido aos valores e à ética, e apesar da incerteza, permite-nos tomar as melhores decisões – no que é imprescindível a colaboração entre os diversos ramos do saber– para construir um futuro alternativo. A nova ciência deve ser como um holograma, onde cada uma das partes representa o todo e vice-versa. Num momento em que as ciências sociais têm recuperado sua centralidade em nível mundial e regional –a crescente desigualdade fez com que os governos da região e outras instâncias solicitem cada vez mais a participação dos cientistas sociais– não podemos ser neutros face à destruição ecológica, à desigualdade e ao autoritarismo. Devemos optar pela construção de um futuro vivível não regido pela lógica dos mercados financeiros e sim por uma de uma cultura de paz.

Existem imensos obstáculos, tendo em conta, por um lado, que “a pesquisa científica na América Latina e no Caribe apareceu no século XX”; e, por outro, que “a falta de visão estratégica de que sofre a sociedade latino-americana traduz-se em perdas imensas e absurdas de um bom número de seus melhores pesquisadores, que emigram para os países industrializados onde seu trabalho é apreciado e valorizado. Estima-se que entre 40 e 60 % dos pesquisadores argentinos, colombianos, chilenos, e peruanos vivem e trabalham fora de seu país” (Cetto e Vesuri, 1998). Mesmo que esta análise se refira essencialmente às ciências exatas e naturais, a situação não é distinta nas ciências sociais. Isto traz a necessidade de políticas que invertam estas tendências, e que invertam também a correlação do investimento destinado a Pesquisa-Desenvolvimento, sumamente alta nos países desenvolvidos em comparação com os países do Sul.

Em resumo, as vanguardas do pensamento científico hoje, tanto nas ciências sociais como nas naturais, parecem estar de acordo quanto à importância da transdisciplinariedade. É necessário eliminar as fronteiras rígidas e artificiais não somente entre disciplinas próprias das ciências sociais, história, economia, direito..., ou das ciências duras, física, matemática, biotecnologia..., mas mesmo entre ciências sociais e humanas e as exatas e naturais. Isto não implica, em absoluto, renunciar à especialização própria de cada disciplina. Como já apontamos, a obra de autores como Ilya Prigogine, Immanuel Wallerstein, Edgar Morin, Pablo González Casanova, Theotônio Dos Santos, Enrique Leff, Aníbal Quijano e Xabier Gorostiaga, entre outros, ensina-nos o caminho. Para alcançá-lo, é necessário constituir programas de estudos de caráter transdisciplinar em torno de um tema e problema de pesquisa dado e com a participação de professores convidados de outros países. Seria necessário estabelecer estes programas de pesquisa de caráter interdepartamental com centros de excelência da região (cooperação Sul-Sul) e de fora dela, que estejam no estado da arte das disciplinas com que se aborda o tema de pesquisa dado.

Prigogine (1995) afirmou que “a ciência permite-nos ter a esperança de ver aparecer um dia uma civilização em que a violência e a desigualdade social não sejam uma necessidade”.

Walter Benjamin afirmou: “a essência de uma coisa aparece em sua verdade quando esta é ameaçada de desaparecer” (citado por Bindé, 1997). Depende de nós transformar “a crise de paradigmas” das ciências sociais na região, (num momento de desintegração do sistema-mundo em que se ampliam nossas opções) em conjuntura propícia para imaginar e construir um novo futuro, a partir de *aggiornar* as ciências sociais latino-americanas e caribenhas, elaborar sua nova agenda e, deste modo, abrir as ciências sociais, reestruturá-las e construir seu futuro e o da região conjuntamente.

Bibliografia

- AA.VV. 1995 “América Latina: la visión de los científicos sociales” em *Nueva Sociedad* (Caracas) Nº 139, setembro-outubro.
- Bagú, Sergio 1993 *Economía de la sociedad colonial* (México: Grijalbo).
- Bindé, Jerome 1997 “Complexité et Crise de la Représentation” em Mendes, Cândido e Rodríguez Larreta, Enrique (eds.) *Représentation et Complexité* (Rio de Janeiro: EDUCAM/UNESCO/ISSC).
- Briceño León, Roberto e Sonntag, Heinz (eds.) 1998 *Pueblo, época y desarrollo: la sociología de América Latina* (Caracas: Nueva Sociedad).
- Cardoso, Fernando Henrique 1995 “El pensamiento socioeconómico latinoamericano” em *Nueva Sociedad* (Caracas) Nº 139, setembro-outubro.
- Cetto, Ana María e Vesuri, Hebe 1998 “L'Amérique Latine et le Caraïbe” em *Rapport Mondial sur la science, 1998* (Paris: UNESCO).
- Dos Santos, Theotônio 1969 “La crisis de la teoría del desarrollo y las relaciones de dependencia en América Latina” em Jaguaribe,

- Helio et al. *La Dependencia Político-Económica de América Latina* (México: Siglo XXI Editores).
- Dos Santos, Theotônio 1996 "El desarrollo latinoamericano: pasado, presente y futuro. Un homenaje a Andre Gunder Frank" em *Problemas del Desarrollo* (México: UNAM) Vol. 27, Nº 104, janeiro-março.
- Dos Santos, Theotônio 1998 "La teoría de la dependencia" em López Segrera, Francisco (ed.) *Los retos de la globalización* (Caracas: UNESCO).
- Giddens, Anthony 1998 "The transition to late modern society" in *International Sociology* (ISA) Vol. 13, Nº 1, março.
- González Casanova, Pablo 1995 *Globalidad, neoliberalismo y democracia* (México: Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades-UNAM).
- González Casanova, Pablo 1998 "Reestructuración de las ciencias sociales: hacia un nuevo paradigma" em Briceño León, Roberto e Sonntag, Heinz (eds.) *Pueblo, época y desarrollo: la sociología de América Latina* (Caracas: Nueva Sociedad).
- Lander, Edgardo 1998 "Eurocentrismo y colonialismo en el pensamiento social latinoamericano" em Briceño León, Roberto e Sonntag, Heinz (eds.) *Pueblo, época y desarrollo: la sociología de América Latina* (Caracas: Nueva Sociedad).
- López Segrera, Francisco 1998a "La UNESCO y el futuro de las ciencias sociales en América Latina y el Caribe" em Briceño León, Roberto e Sonntag, Heinz (eds.) *Pueblo, época y desarrollo: la sociología de América Latina* (Caracas: Nueva Sociedad).
- López Segrera, Francisco 1998b "Los procesos de integración en América Latina y el Caribe: retos, variables, escenarios y alternativas en la era de la globalización" em Sader, Emir (ed.) *Democracia sin exclusiones ni excluidos* (Caracas: Nueva Sociedad).
- López Segrera, Francisco 1998c *Los retos de la globalización* (Caracas: UNESCO).
- Marini, Ruy Mauro 1997 "La acumulación capitalista mundial y el subimperialismo" em *Cuadernos Políticos* (México: ERA) Nº 12, abril-junho.
- Mayor, Federico 1992 "The Role of the Social Sciences in a Changing Europe" in *International Social Science Journal*, Nº 2.
- Mayor, Federico 1994 *La Nueva Página* (Barcelona: UNESCO).
- Mayor, Federico 1998 Address at the Second European Social Science Conference (Bratislava) 14 de junho, inédito.
- Mayor, Federico e Forti, Augusto 1995 *Science et Pouvoir* (Paris: UNESCO).
- Mendes, Cândido e Rodríguez Larreta, Enrique (eds.) 1997 *Représentation et Complexité* (Rio de Janeiro: EDUCAM/UNESCO/ISSC).
- Morin, Edgar 1993 *Terre-Patrie* (Paris: Editions du Seuil).
- Morin, Edgar 1996 *Pour une utopie réaliste* (Paris: Arléa).
- Parsons, Talcott 1956 "La situación actual y las perspectivas futuras de la teoría sociológica sistemática" em *Sociología del siglo XX* (Buenos Aires: Editorial Claridad).
- Prebisch, Raúl 1994 (1949) "El desarrollo económico de América Latina y algunos de sus principales problemas" em Marini, Ruy Mauro *La Teoría Social Latinoamericana. Textos escogidos* (México: UNAM) Tomo I.
- Prigogine, Ilya 1995 "Préface" em Mayor, Federico e Forti, Augusto *Science et Pouvoir* (Paris: UNESCO).
- Prigogine, Ilya 1996 *La fin des certitudes* (Paris: Edition Odile Jacob).
- Sankatsing, Glenn 1990 *Las ciencias sociales en el Caribe* (Caracas: UNESCO/Nueva Sociedad).
- Sasson, Albert 1998 *Biotechnologies in Developing Countries: Present and Future* (Paris: UNESCO).
- Sonntag, Heinz 1988 *Duda, Certeza, Crisis* (Caracas: UNESCO/Nueva Sociedad).
- Sonntag, Heinz (ed.) 1989 *¿Nuevos temas, nuevos contenidos?* (Caracas: UNESCO/Nueva Sociedad).
- UNESCO 1998 *Rapport Mondial sur la Science, 1998* (Paris: UNESCO).
- UNESCO 1999 "Projet de Déclaration" et "Draft Programme" (Paris: UNESCO/CIUSS) Conférence mondiale sur la science, 5 de janeiro.
- Villena, S. (ed.) 1998 *El desarrollo de las ciencias sociales en América Latina* (São José da Costa Rica: FLACSO/UNESCO).
- Wallerstein, Immanuel 1996a *Abrir las ciencias sociales* (México: Siglo XXI).
- Wallerstein, Immanuel 1996b "Social change? Change is eternal. Nothing ever changes" (Lisboa) Conferência III Congresso Português de Sociologia.
- Wallerstein, Immanuel 1998a *Cartas del Presidente (1994-1998)*, Associação Internacional de Sociologia.
- Wallerstein, Immanuel 1998b *Impensar las ciencias sociales* (México: Siglo XXI).
- Wallerstein, Immanuel 1998c "Possible Rationality: A Reply to Archer" in *International Sociology* (ISA) Vol. 13, Nº 1, março.
- Wallerstein, Immanuel 1998d "The Heritage of Sociology. The Promise of Social Science" in *Presidential Address* (Montreal) 26 de julho, XIV Congresso Mundial de Sociologia.

Wright Mills, Charles 1964 *La imaginación sociológica* (México: Fondo de Cultura Económica).

Notas

* Diretor da UNESCO-Caracas/IESALC e Conselheiro Regional de Ciências Sociais, Caracas.

1 Ver Federico Mayor (1992). Reproduzido novamente no N° 157 de setembro de 1998 da mesma, no número dedicado ao cinquentenário dela, página 458.

2 Ver Francisco López Segrera (1998a; 1998b); Heinz R. Sonntag (1988; 1989); Roberto Briceño León e Heinz R. Sonntag (1998), este livro contém monografias de: Aníbal Quijano, Hebe Vesuri, Raquel Sosa, Francisco López Segrera, Paulo César Alves, Rigoberto Lanz, Edgardo Lander, Orlando Albornoz, Emir Sader, Marcia Rivera e Pablo González Casanova; Glenn Sankatsing (1990) e S. Villena (1998).